

O PAPEL DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA PARA A CONTINUIDADE DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO QUILOMBO CLARO, PRATA E OURO FINO NO MUNICÍPIO DE PARANÁ - TO: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO

Vitória Hellen Cardoso Saraiva¹, Adelma Ferreira de Souza²

¹ Estudante do Curso Superior de Teatro – IFTO. Bolsista PIBIC/FAPT do IFTO. e-mail: <vitoria.saraiva@estudante.ifto.edu.br>

² Docente do Curso Superior de Teatro – IFTO. Orientador(a). e-mail: <adelma.souza@ifto.edu.br>

1 INTRODUÇÃO

A historiadora Beatriz Nascimento em seu artigo “O conceito de quilombo e a resistência cultural negra”, de 1985, conceitua quilombo como uma instituição africana, de origem angolana, que surgiu no período histórico da pré-diáspora, e que tem grande influência ideológica para a resistência cultural quilombola (NASCIMENTO, 1985, p. 41 *apud* RATTS, 2006, p. 117).

Dessa forma, um quilombo é um território que conta as trajetórias socioculturais de uma comunidade que fugiu de outras localidades em busca da liberdade. Portanto, a organização quilombola busca a subsistência desse povo, que cultivam alimentos e criam animais em suas terras, além de reunirem-se em seus locais de culto para participar das festividades tradicionais.

Beatriz Nascimento destaca que apenas “no final do século XIX que o quilombo recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão [...], [passando] de instituição em si para símbolo de resistência” (NASCIMENTO, 1985, p. 46 *apud* RATTS, 2006, p. 122). Dessa forma, entende-se que “o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto afirmação étnica e nacional” (NASCIMENTO, 1985, p. 49 *apud* RATTS, 2006, p. 125).

Assim, “o fato de ter existido como brecha no sistema em que negros estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural” (NASCIMENTO, 1985, p. 49 *apud* RATTS, 2006, p. 125). Essas brechas no sistema brasileiro ainda podem ser notadas no papel de uma associação quilombola que luta pelos direitos de uma comunidade, além de preservar as manifestações culturais tradicionais daquele território.

Além das conceituações de Beatriz Nascimento acerca do termo quilombo e seu espaço ideológico enquanto um local de liberdade e resistência comunitária do negro brasileiro, é importante analisar as manifestações culturais quilombolas pelo viés da criação de mitos. Adentrando numa noção de cultura, no texto “Daquilo que se chama cultura” de Beatriz Nascimento (1986), constatamos a importância do mito da terra prometida, refletido no Quilombo de Palmares e o no herói civilizador Zumbi, além das religiões afro-brasileiras que fazem um paralelo entre a ancestralidade e a vida contemporânea da população negra. Todos esses elementos culturais permitem que o povo negro preencha o vazio do herói perdido para o Estado brasileiro que

reprimiu a organização quilombola e os direitos individuais nesse período histórico (NASCIMENTO, 1986, p. 8 *apud* RATTS, 2006, p. 126).

Em contrapartida, apesar das associações quilombolas serem um espaço de liderança, elas não devem assumir um papel de endeusamento político, mas de lutas pelos direitos sociais/territoriais e pela preservação das tradições quilombolas. É importante expandir essa discussão acerca da cultura negra pelo texto “Racismo e Cultura” (2021), de Frantz Fanon, discutido em 1956 no 1º Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris e publicado no número especial de *Présence Africaine*, de junho-novembro de 1956.

Frantz Fanon determina que o regime colonial não buscou o total desaparecimento da cultura existente das pessoas escravizadas, mas atuou para impedir que essa cultura fosse fortalecida e se tornasse um elemento de resistência social. Portanto, “esta cultura, outrora viva e aberta ao futuro, fecha-se, aprisionada no estatuto colonial, estrangulada pela canga da opressão. Presente e simultaneamente mumificada, depõe contra os seus membros” (FANON, 2021, p. 11)

Essa discussão é relevante para essa pesquisa pois uma comunidade quilombola que ainda está no processo de reconhecimento do seu território, como é o caso da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino sofre com a falta de incentivo financeiro, no âmbito municipal, estadual e federal, e social para a continuidade das suas manifestações culturais. Um fator agravante é a falta de envolvimento dos mais jovens nos festejos, danças como a sussa, cantos religiosos, entre outros.

Portanto, esse estudo se justifica pela necessidade de entender como a Associação da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino, presente no distrito rural de Campo Alegre, pertencente ao município de Paranã, Tocantins, trabalha para resgatar e preservar essas manifestações culturais (festejos, danças, cantos, artesanatos, vestimentos e cabelos, práticas de subsistência, entre outros) que impactam os modos de vida de toda a comunidade quilombola.

Para que esse estudo de caso fosse possível, foi feita uma revisão de literatura para entender como as associações quilombolas, em específico as tocantinenses, atuam no resgate cultural da sua comunidade e, a partir disso, por meio de entrevistas com a presidência e moradores atuantes dessa organização, entendemos o atual papel da Associação da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino para esses processos de manutenção cultural.

2 OBJETIVO

Esse estudo de caso buscou entender como a Associação da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino, presente no distrito rural de Campo Alegre, pertencente ao município de Paranã, Tocantins, atua no resgate e na preservação das manifestações culturais (festejos, danças, cantos, artesanatos, vestimentos e cabelos, práticas de subsistência, entre outros) nesta comunidade.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para esse estudo de caso, inicialmente, foi feita uma revisão de literatura sobre a história, cultura e os conflitos atuais enfrentados pela Associação da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino. A partir disso, fizemos uma comparação do trabalho das associações por meio do Relatório Antropológico da Comunidade Quilombola Lajeado e de artigos sobre o resgate cultural realizado nessa comunidade, pelas pesquisadoras Celenita Gualberto Pereira Bernieri e Laurenita Gualberto Pereira Alves, para entender como as associações quilombolas tocantinenses atuam no resgate cultural da sua comunidade.

Durante esse estudo, foi feita uma visita nesse território quilombola para a realização de entrevistas semiestruturadas com os líderes e demais quilombolas atuantes na Associação da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino, como membros e tesoureiras. Devido a realização de entrevistas, esse projeto foi submetido ao Comitê de Ética do IFTO. A partir dessas entrevistas semiestruturadas com a presidência e moradores atuantes dessa organização, determinamos a importância da criação e o atual papel da Associação da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino para esses processos de manutenção cultural identitária e luta territorial.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em comparação com o trabalho de resgate de identidade cultural feito pela Associação da Comunidade Quilombola de Lajeado, entendemos que a Associação da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino possui diálogos com a comunidade a respeito da questão territorial, das memórias dos quilombolas mais velhos, chamados de ‘guardiões da cultura’, do artesanato e da religiosidade (festejos), em parceria com as escolas, municipal e estadual, do distrito Campo Alegre, onde muitos quilombolas que não possuem terras no território Claro, Prata e Ouro Fino, devido a grilagem, atualmente vivem.

Em relação ao incentivo no trabalho agropecuário e na preservação da identidade cultural, a Associação Quilombola também presta serviços agrários disponibilizando o seu trator e caminhão a preços acessíveis para os quilombolas associados, além de documentações de certificação quilombola para que os jovens possam utilizar as ações afirmativas em instituições de ensino e demais benefícios sociais. Há parcerias com as escolas de Campo Alegre, por meio das professoras que fazem parte ou reconhecem a importância social e cultural da associação, para que os guardiões da cultura contem as histórias sobre a comunidade quilombola, além de ensinar aspectos culturais dos festejos, artesanato com folha de bananeira e couro, danças e música.

Porém, pensando o processo de reafirmação da identidade cultural quilombola que é tida como essencial, em comparação com outras associações tocantinenses, como a de Lajeado, para o reconhecimento territorial, alguns quilombolas associados questionam a efetividade da Associação

Quilombola pela falta de retorno para a comunidade sobre as pautas das reuniões com a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins (COEQTO) e o Governo de Estado do Tocantins, em especial a Secretaria dos Povos Originários e Tradicionais (SEPOT). Tendo em vista que o processo de reconhecimento territorial da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino junto ao INCRA, que iniciou-se em 2014, ainda não foi concluído e os quilombolas sofrem com a grilagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esse estudo de caso, esperamos ter determinado o real papel da Associação da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino no resgate e preservação das manifestações culturais presentes nesse território, que são essenciais para determinar a identidade quilombola durante o processo de reconhecimento territorial do Quilombo Claro, Prata e Ouro Fino.

Dessa forma, há uma preocupação com a continuidade dessas tradições (festejos, danças, cantos, artesanatos, vestimentos e cabelos, práticas de subsistência, entre outros) para que a cultura ancestral mantenha-se viva. Sendo assim, as conclusões desse estudo serão de grande valia para a construção de novos projetos de pesquisa e/ou extensão que buscam garantir a permanência das práticas culturais existentes nas comunidades quilombolas presentes no Estado do Tocantins.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Tocantins (FAPT) e ao IFTO - Campus Gurupi pelo fomento e apoio na execução do projeto, que viabilizou a realização desta pesquisa, bem como pela concessão da bolsa de Iniciação Científica. Agradeço à Associação Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino, à professora orientadora Adelma Ferreira de Souza, ao professor Eonilson Lima e ao professor Adimilson Renato da Silva pelas contribuições teóricas à escrita deste artigo.

REFERÊNCIAS

BERNIERI, Celenita Gualberto Pereira; FOLHA, Jardilene Gualberto Pereira; ALVES, Laurenita Gualberto Pereira; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. **Entre impasses e conquistas territoriais**: evidências dos desafios contemporâneos na comunidade quilombola de Lajeado (TO). Revista Mosaico, v. 14, 2021, p. 36-50.

FANON, Frantz Omar. **Racismo e cultura**. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021. 32 p.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Imprensa oficial: São Paulo, 2006.

SOUSA, Marina Grigorio Barbosa de. **Margens Ancestrais**: História, Territorialidade e Memória dos Quilombos nos Rios Araguaia-Tocantins (1988-2023). Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2023. 265 f.

SOUZA, Adelma Ferreira de. **Relatório Antropológico da Comunidade Quilombola Lajeado, Dianópolis, TO**. Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas, INCRA, SR-26, 2016.

SOUZA, Adelma Ferreira de; Lima, Eonilson Antônio de; Lima, Mariana Leite. **Conflitos agrários e socioterritoriais**: a luta quilombola por direito ao seu território Claro, Prata e Ouro Fino, no município de Paranã-TO. Revista Fim do Mundo, n° 12, jul/dez 2024, p. 198-218.